

**“Minhas Mãos nas Suas”:
Construção de identidade online em mulheres vítimas de violência psicológica¹**

Cristina Nascimento de OLIVEIRA²
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS

RESUMO

O presente trabalho pretende refletir sobre a construção da identidade de mulheres vítimas de violência psicológica em relacionamentos abusivos, fazendo considerações sobre a construção dessas identidades nas redes sociais digitais. Neste sentido, tratamos sobre a inter-relação mídias, identidades e cidadania compreendendo que essas três esferas atuam intensivamente no cotidiano da sociedade, tensionando e fortalecendo laços. Ao demarcarem um território no ambiente digital, as mulheres se insurgem contra o silenciamento de suas vozes e de seus direitos. Por meio das redes sociais, elas podem reconstruir suas identidades, fragmentadas por toda a violência a qual foram vítimas.

PALAVRAS-CHAVE: identidade, gênero; mídia; violência; redes sociais..

Antes de defender seus direitos, é preciso que o cidadão primeiramente os distinga. E, para isso, tomar consciência deles é o primeiro passo. Nesse sentido, o conhecimento alia-se à capacidade de sentir-se pertencente ao mundo. E sentir-se parte desse mundo, do todo, é um ato político. No entanto, milhares de pessoas tem sua cidadania negada. Muitas por serem quem são.

Meu ponto de referência aqui são as mulheres. As questões de gênero têm ganhado cada vez mais força na sociedade e, como a mídia mostra diariamente, ser mulher ainda não é uma tarefa fácil, principalmente na América Latina. Novas estratégias de resistência vão surgindo e, neste artigo, apontamos como uma dessas estratégias o uso das redes sociais digitais pelas mulheres como espaços de debate, de apoio, de formação de redes de solidariedade, de troca e partilha de ideias e saberes. Um ato político por si só.

Vivemos imersos em um processo de midiaticização no qual a mídia tradicional perdeu espaço para novos processos midiáticos, novas formas de ambiência comunicacional, onde o sujeito, enquanto indivíduo, pode produzir seu próprio conteúdo e interagir com diversas práticas sociais. É uma transformação social e tecnológica cada vez mais veloz, com novas lógicas de produção de sentido e de circulação.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Alteridade, Diversidade, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação/Unisinos, email: cris.jornal@gmail.com

Se, antes, as mídias tradicionais mediavam as relações sociais, agora vemos uma mudança de paradigma, com novos circuitos de produção de sentidos, que interagem entre si em um fluxo contínuo. Tais interações, nesse mundo midiaticizado, afetam e tensionam identidades e processos sociais. A diversidade, como bem aponta José Luiz Braga (2017, p. 17), é inerente ao processo comunicacional pois, a partir dela, partimos para pluralidades de adaptação. Nesse novo paradigma, processos individuais de circulação de sentido ganham espaço em novas ambiências digitais. O indivíduo passa de receptor para produtor de conteúdo, gerando novos conhecimentos e possibilitando interações que não dependem mais de tempo cronológico nem de espaço físico.

Assim, informações são produzidas e disseminadas virtualmente, produzindo conhecimentos e transformações nunca antes imaginados. O acesso torna-se mais fácil, barreiras são quebradas e invisibilidades são postas à prova. Novas identidades surgem nesses ambientes digitais e o que antes estava à margem começa a ganhar vez e voz. O espaço digital, em seus diferentes fluxos, possibilita construir inter-relações sociais trazendo novas consciências ao indivíduo. O sujeito passa a ocupar um espaço social, não mais mediado pela mídia tradicional ou pelas grandes instituições. Experiências individuais passam a ser coletivas em ambiência digital, em processos de interação, reconhecimento e visibilidade.

Se essa ambiência digital pode produzir e disseminar novas formas de violência, ela também traz possibilidades de denúncia e de construção de redes de apoio, alicerçadas em contextos de mútua ajuda mediados pela interação digital. Uma revolução nem tão silenciosa está em curso e velhos padrões sociais estão sendo desconstruídos, a partir da midiaticização. As mulheres têm um papel relevante nesse processo, ao darem voz a uma revolução que vem acontecendo no ambiente digital e que, espera-se, aconteça também na sociedade.

Nunca antes se falou tanto em violência de gênero. O número de denúncias de violência contra a mulher explodiu. A facilidade de acesso a novas tecnologias e a produção de conhecimento possibilitaram que as mulheres rompessem barreiras sociais e compreendessem dinâmicas subjetivas de violência. As microviolências do cotidiano.

De acordo com o Artigo 5º da Lei Maria da Penha, violência doméstica e familiar contra a mulher é “qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial”. Apesar do avanço da lei sobre questões de violência, na prática as mulheres ainda encontram

dificuldades para reconhecer-se enquanto vítimas e externalizar situações de violência sofridas em seu cotidiano. É nesse percalço que percebemos que as novas mídias digitais contribuem como um espaço de troca e interação social. Por meio dessas plataformas de conteúdo, mulheres encontram informação, reconhecem-se enquanto vítimas e vão construindo redes de apoio fundamentais para o rompimento de ciclos de abuso e violência.

Somente em 2021 é que a violência psicológica contra a mulher foi caracterizada como crime, com a Lei 14.188/2021. A lei também estipulou uma punição para os agressores e alterou o Código Penal. A violência psicológica caracteriza-se como uma conduta reiterada de controle e humilhação, de enxergar a vítima como um objeto de posse, reiterando uma relação de dependência emocional. Isolada e com a autoestima destruída, a vítima vai entrando em um estado psicológico onde não vê saída, pois não entende como vai denunciar algo que “não se pode ver nem provar”.

A partir desse conceito, propomos uma análise da mediação da violência contra a mulher, mais especificamente da violência psicológica praticada por companheiros e ex-companheiros, a partir de interações em plataformas digitais, como Instagram, YouTube e Facebook. É de fundamental importância a discussão sobre violência de gênero, ainda mais em tempos que, quase que diariamente, vemos o assunto dominando o espaço midiático, seja por meio de casos como os feminicídios, seja pela publicidade dada às denúncias de violência doméstica por celebridades, que contribuem para que mulheres “comuns” ganhem coragem para também prestarem queixa e pedirem medida protetiva.

Deste modo, partimos para o seguinte problema da pesquisa: De que forma a temática da violência psicológica contra a mulher é percebida na ambiência mediada? Os objetivos aqui propostos no percurso da pesquisa, ainda em fase inicial do doutorado, incluem analisar a temática da violência psicológica contra a mulher dentro da ambiência mediada, a partir de interações em plataformas digitais como Instagram, YouTube e Facebook; estabelecer um quadro de referência dos elementos constitutivos da violência contra a mulher, seu sistema simbólico e seus processos de mediação na ambiência digital; e investigar as práticas de interação no ambiente virtual a respeito da violência psicológica contra a mulher a partir da análise da produção de sentidos que se estabelece em comentários, interações e produções de conteúdo nas plataformas digitais, observando seus processos de circulação.

Nesse sentido, abrimos algumas perspectivas de análise dessa problemática, incluindo os sentidos produzidos sobre violência de gênero nos canais de comunicação dentro da ambiência midiaticizada; de que maneira essas produções de sentido influenciam o debate público sobre a violência de gênero dentro de uma sociedade em processo de midiaticização; quais circuitos e efeitos de sentido que são identificados nesse debate sobre violência de gênero; e quais os indícios e marcas que evidenciam a violência psicológica como um elemento relevante dentro desse debate.

Para o percurso da pesquisa, estamos estabelecendo como método de pesquisa a netnografia, entendendo conforme Fragoso, Recuero e Amaral (2011, p. 17) que “a Internet pode ser tanto objeto de pesquisa (aquilo que se estuda), quanto local de pesquisa (ambiente onde a pesquisa é realizada) e, ainda, instrumento de pesquisa (por exemplo, ferramenta para coleta de dados sobre um dado ou assunto)”.

De acordo com essas autoras, os sites de redes sociais na internet “são caracterizados pela construção de um perfil com características identitárias [...] e com a apresentação de novas conexões entre esses perfis” (Fragoso, Recuero; Amaral, 2011, p. 116). Isto é bem visível em se tratando dos perfis encontrados no Instagram que tratam de relacionamentos abusivos. Esses perfis listam tanto as características comportamentais dos abusadores quanto de suas vítimas. Assim, vão construindo novas conexões entre seus usuários, pois ao identificarem-se enquanto vítimas de violência psicológica, as usuárias desses perfis vão construindo novas relações sociais entre si e formando redes de apoio para buscarem ajuda.

Muitas dessas vítimas encontram a ajuda que precisam para entender como sair do ciclo de violência por meio de plataformas digitais, em páginas e perfis que tratam do tema, mantidos por profissionais da saúde ou por ex-vítimas. A partir dessa busca por uma ressignificação de suas identidades por meio do entrelaçamento social nessas redes virtuais podemos analisar também o modo como essas ambiências digitais transformam-se em uma importante rede de apoio.

O que podemos inferir é que faltam ainda, no entanto, uma organização social desses grupos, um empoderamento mais abrangente, que agregue essas mulheres em torno de políticas públicas que realmente alcancem as vítimas de violência de gênero. Sabemos da dificuldade jurídica que as vítimas enfrentam ao denunciar seus abusadores, ao exigir seus direitos, a buscar um ordenamento jurídico que realmente traga resultados imediatos e concretos para suas vivências cotidianas.

Na vida prática, percebemos que elas estão no início de suas jornadas por buscar reconhecimento social enquanto vítimas de violência. O desconhecimento social que ainda ronda o tema da violência psicológica em relações de gênero talvez seja o maior enfrentamento que essas redes de mulheres vivenciam. As ambiências virtuais podem contribuir para lançar luz sobre esse problema pois, exercendo seus lugares de fala e construindo novas territorialidades, essas mulheres também podem construir uma cidadania plena, conquistando direitos e abrindo caminhos para novas perspectivas a respeito da violência psicológica de gênero.

Referências

BRAGA, José Luiz; CALAZANS, Regina; RABELO, Leon et al. **Matrizes interacionais – A comunicação constrói a sociedade**. Campina Grande: EDUEPB, 2017. 452 p. (Coleção Paradigmas da Comunicação).

BRAGA, José Luiz. **Mediatização como processo interacional de referência**. In: Animus: revista interamericana de comunicação midiática. Vol.5, n.2 (jul-dez/2006). Santa Maria: NedMídia, 2006a. p.9-55. Disponível em <https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/6693/4050>. Acesso em 20 de jun./2022.

BRAGA, José Luiz. **Circuitos versus campos sociais**. In: MATOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jeder; JACKS, Nilda Aparecida (org.). *Mediação e Mediatização*. Salvador: UFBA, 2012. p.31-52. Disponível em http://www1.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20180205111302.pdf. Acesso em 1 de jun/2022.

BRAGA, José Luiz. **Lógicas da mídia, lógicas da mediatização?** In: FAUSTO NETO, Antonio; ANSELMINO, Natalia Raimondo; GINDIN, Irene Lins (orgs.). *CIM – Relatos de Investigaciones sobre Mediatizaciones*. Rosario: UNR, 2015. pp. 15-32. Disponível em https://cim.unr.edu.ar/assets/archivos/pub_cuaderno_cim_4--1-5892.pdf. Acesso em 5 de jul./2022.

BRASIL. **Lei nº 14.188, de 28 de julho de 2021**. Altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), para modificar a modalidade da pena da lesão corporal simples cometida contra a mulher por razões da condição do sexo feminino e para criar o tipo penal de violência psicológica contra a mulher. Brasília, DF: Presidência da República, 2021. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/L14188.htm. Acesso em 10 jul.2022.

FAUSTO NETO, Antônio. **Circulação: trajetos conceituais**. In: Rizoma, v.6, n.2, 2018, 33 p. Disponível em <https://online.unisc.br/seer/index.php/rizoma/article/view/13004/7731>. Acesso em 5 de jul/2022.

FAXINA, Elson; GOMES, Pedro Gilberto. **Mediatização da Sociedade ou sociedade em mediatização?** In: FAXINA, Elson; GOMES, Pedro Gilberto. Mediatização: um novo modo de ser e viver em sociedade. São Paulo: Paulinas, 2016. p.21-30

FERRAZ, Claudia Pereira. **A etnografia digital e os fundamentos da antropologia para estudos qualitativos em mídias online.** In: Aurora: Revista de arte, mídia e política, São Paulo, v.12, n.35, p. 46-69, jun-set.2019.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. Métodos de pesquisa para internet. Porto Alegre: Sulina, 2011.

GOMES, Pedro Gilberto. **A mediatização no processo social.** In: GOMES, Pedro Gilberto. Dos meios à mediatização: um conceito em evolução. São Leopoldo: UNISINOS, 2017. p.65-102.

GOMES, Pedro Gilberto. **Novo modo de ser no mundo.** In: GOMES, Pedro Gilberto. Dos meios à mediatização: um conceito em evolução. São Leopoldo: UNISINOS, 2017. p.125-137.

GOMES, Pedro Gilberto. **Mediatização: um conceito, múltiplas vozes.** In. Rev Famecos (Online). Porto Alegre, v. 23, n. 2, maio, jun-ago 2016.

POLIVANOV, Beatriz. **Dinâmicas identitárias online: apontamentos sobre o que postar e o que não postar no Facebook.** Comunicação Midiática. V. 10, n. 3, 2015.

POLIVANOV, B. , SANTOS, D. **Términos de relacionamento e Facebook: desafios da pesquisa etnográfica em sites de redes sociais.** In: CAMPANELLA, B., BARROS, C. Etnografia e consumo midiático. Novas tendências e desafios metodológicos. Rio de Janeiro: E-Papers, 2016.

ROSA, Ana Paula. **A imagem em circulação: estilhaçando o olhar e a memória.** In: FERREIRA, Jairo [et al] (orgs). Mediatização, Polarização e Intolerância (entre ambientes, meios e circulações). Santa Maria: FACOS-UFSM, 2020. p. 187-208. Disponível em <https://midiaticom.org/files/mediatizacao-polarizacao-intolerancia/187/>. Acesso em 20 de jun/2022.